

UM OLHAR FENOMENOLÓGICO ACERCA DA HISTÓRIA DE VICTOR DE AVEYRON.

DÉBORA GILL¹

RESUMO: O objetivo geral desta investigação consiste em buscar na história de Victor de Aveyron, elementos para elaborar o modo pelo qual a existência humana se constitui. Victor foi encontrado aos 12 anos, em 1799, abandonado em meio selvagem, onde vivera por aproximadamente oito anos. Este menino, por não ter convivido em ambiente humano, foi motivo de intensas discussões no meio científico. Dessa maneira, serão discutidas nesta pesquisa por meio dos relatórios do doutor Itard, médico de Victor e a obra *Ser e Tempo* de Heidegger, questões sobre a normalidade, a determinação de elementos apriorísticos no sujeito, como por exemplo, o biológico e a relação sujeito-mundo. A discussão será aqui tratada por meio da fenomenologia hermenêutica de Heidegger. Será apresentado um breve relato da história de Victor, seguido de uma desconstrução Heideggeriana dos moldes teóricos hoje empreendidos pela psicologia para discutir o humano normal, utilizando como exemplo a história de Victor. Teremos como pano de fundo uma discussão entre os empiristas e os inativistas, que trazem grande influência às teorias hoje empreendidas na psicologia.

Palavras chaves: Heidegger, Fenomenologia, Victor de Aveyron, humano.

ABSTRACT: The aim on this research consists in search in the hystory of Victor of Aveyron, elements to prepare the way in which human existence is constituted. Victor was found at age 12, in 1799, abandoned in the wild, where he lived about eight years. This boy have not lived in the human environment, therefore he was the subject of intense discussions in the scientific community. Thus, this research will be discussed by the reports of Dr. Itard, Victor's doctor and Heidegger's work, *Being and Time*. It will be debated questions about the normality, the determination of a priori elements in the subject, such as organic and the relation subject-world. The discussion here will be treated by Heidegger's hermeneutic phenomenology. We will present a brief account of Victor's hystory, followed by a Heideggerian deconstruction of the molds made by psychology theorists to discuss the normal human, using as an example the hystory of Victor. As a background, we will have the discussion between the empirists and the inativists that influenced most of the actual psychological theories.

¹ Mestranda em filosofia.

Key words: Heidegger, Phenomenology, Victor of Aveyron, Human.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir, por meio da fenomenologia de Heidegger, a existência, a problemática das teorizações no campo da ciência e da psicologia, assim como o dito normal, isto é, o que tomamos como natureza humana, usando como exemplo a história de Victor de Aveyron. As diversas teorias psicológicas hoje em dia, se dividem em sua maioria em proposições onde o sujeito é posicionador de mundo, nas quais existiriam elementos “a priori”, que fariam com que o sujeito se comportasse de uma determinada maneira, como por exemplo, elementos biológicos, nos quais se enquadram os inativistas; e proposições onde o mundo é posicionador de sujeito, nestas se enquadrariam a maioria das teorias empiristas, que acreditam que um determinado estímulo realiza resultados no sujeito. A fenomenologia mostra que sujeito e mundo co-existem e não há como separá-los, são uma unidade, não existe enxergar sem o enxergado. Uma determinação só é possível a partir de um mundo que permite com que ela seja possível, ou seja, os olhos só aparecem para aquele que tem como correlato o olhado.

De início, será apresentado um breve relato acerca da história de Victor, que foi encontrado no final do século XVIII e analisado por Itard e Philip Pinel. O jovem viveu dos quatro aos doze anos sozinho na floresta, quando encontrado ficou sob a tutela do doutor Itard e da senhora Guérin. O médico buscou educá-lo em seus modos de sentir, de se relacionar, de comer, de andar, de falar, de ter atenção, juízo e memória. Dessa maneira, poderemos analisar um homem que viveu completamente diferente do considerado normal e assim questionar esse padrão natural tomado pelas teorizações psicológicas. Infelizmente a maior parte de sua história é descrita por meio da perspectiva do Doutor Itard, inclusive as observações de Pinel. Dessa forma, a análise realizada ficou restrita às observações descritas nos relatórios do Doutor Itard.

Em seguida algumas questões serão trabalhadas a partir da fenomenologia de Heidegger que servirá de base para respaldar essa discussão, e mostrar por meio do exemplo de Victor, como o mundo se dá junto ao ser-aí. Dessa maneira, elementos de extrema importância em Heidegger serão discutidos ao longo da pesquisa, tais como: a intencionalidade, a hermenêutica, a referencialidade, a ocupação, e sua importância para a compreensão do ser-no-mundo e do existir. Para concluir, será apresentado uma breve análise da história de Victor por meio da analítica existencial fenomenológica descrita por Heidegger.

1. A HISTÓRIA DO MENINO VICTOR DE AVEYRON

Todas as descrições de Victor aqui relatadas estão embasadas nos relatórios (1801 e 1806) do Doutor Itard, médico e tutor do menino. O jovem foi encontrado em 1799 nos bosques de Caune, e levado a Paris para observações mais científicas. Segundo os pesquisadores da época, foi encontrado imundo, espasmótico, convulsivo, como certos animais. Um dos primeiros a analisar o menino foi Pinel, segundo ele, o jovem encontrado tinha seus sentidos reduzido a inércia, inferior a alguns animais, seus olhos sem expressão nem fixidez, o tato pouco exercitado, não distinguindo um objeto em relevo de um corpo em pintura, a audição insensível aos mais fortes ruídos, bem como a música mais tocante, o olfato não distinguia as fezes de sua cama do aroma dos perfumes e a voz reduzida a mudez. Com relação às funções intelectuais, ainda Pinel, o menino era incapaz de atenção, de memória, de juízo, de aptidão para imitação, de inteligência, passando sem motivo presumível de uma tristeza apática às mais imoderadas gargalhadas, em resumo, uma vida puramente animal.

Pinel o diagnosticou de idiotismo, comparando-o a várias outras histórias de crianças que sofriam do mesmo mal. Idiotismo fazia parte das categorias nosológicas das manifestações mórbidas descritas por Pinel. (BERCHERIE Apud MARTINEZ J.R, 2006, p.26). Dessa forma, vemos que o menino, segundo Pinel, não possuía os sentidos desenvolvidos e tampouco as atividades da mente. E por isso foi diagnosticado com idiotia, uma patologia da época.

Em seguida o jovem foi passado aos cuidados do Doutor Itard, que diferente de Pinel, considerou o menino indiferente a tudo que era da nossa sociedade, e apaixonado pela liberdade dos campos. Segundo ele, Victor tinha o andar pesado quando calçado e tendência a retomar o galope, hábito de cheirar tudo, mesmo as coisas que são consideradas inodoras para nós e sua mastigação era executada pelos dentes incisivos. Ao chegar à sociedade, alimentava-se de batatas, nozes e castanhas cruas, estas eram quebradas com os pés e limpas minuciosamente. Nos tempos em que viveu na floresta parecia se alimentar na maior parte das vezes de vegetais, mas também de

animais pequenos, talvez já mortos, visto a capacidade que teve para abrir o passarinho morto que lhe foi apresentado.

Segundo Itard, foi preciso torná-lo feliz à sua maneira, ou seja, dormir, comer, não fazer nada e correr pelos campos, respeitando assim seu modo de ser feliz. De início, o menino comia com desmesura e sem higiene, defecava na cama e não dormia por horas seguidas, foi necessário alterar estes comportamentos para poder educá-lo por meio de cinco metas estabelecidas: em que Victor, deveria se interessar pela vida social, despertar a sensibilidade nervosa, ampliar a esfera de ideias, falar e exercitar as operações da mente para com o uso dos objetos.

O médico relatou muitas vezes tê-lo observado triste olhando pela vidraça, meio tedioso, outras, gargalhava e manifestava alegrias convulsivas, outras sobretudo, lhe subia uma raiva terrível, aplicava murros nos olhos, rangia os dentes e ficava perigoso. Itard observou ainda que o menino não tinha sensibilidade para o frio, nem para o calor. Além de ter sido visto nu cinco anos antes de ter sido encontrado, o que significa que passou pelos invernos europeus sem roupa durante os anos em que viveu na floresta. Ele ainda permanecia horas acorado no jardim seminu, num solo úmido; pegava brasas na mão e recolocava na fogueira, tirava batatas da água fervendo, e segundo o médico, “posso assegurar que ele tinha, mesmo naquela época, uma epiderme fina e aveludada.” (ITARD, 1801, p.142). Itard para educá-lo a sensibilizar o órgão da pele às temperaturas o submeteu a longos banhos de água fervendo e com o tempo, Victor começou a reclamar de frio nas águas mornas.

Outra maneira de instruir a sensibilidade deste jovem pareceu interessante: Itard observou que o menino não espirrava e sequer lacrimejava, por mais que enchesse seu nariz de tabaco para provocar-lhe o espirro. Relata que com o tempo este órgão também ganhara com esta mudança, visto que agora o menino espirrava ao menor grau de irritação. Segundo Itard, a primeira vez que derramava lágrimas foi após tê-lo, fingidamente furioso, pegado Victor e colocado para fora da janela fazendo-o olhar para o precipício. A falta de sensibilidade também é relatada para o órgão da audição. De início, Victor foi considerado surdo e levado a uma escola de surdos e mudos, no entanto,

apesar de não reagir à explosão das armas de fogo ele se virava sempre que uma noz caía no chão.

Se o órgão da audição não despertava a mesma susceptibilidade para os sons da voz, nem sequer para a explosão das armas de fogo, é porque ele era necessariamente pouco sensível e pouco atento a qualquer outra impressão que não fosse aquela com que tivera um longo e exclusivo hábito. (ITARD, 1801, p.154)

Para Itard a falta de exercícios de um órgão, a falta de hábito, o deixava inapto para suas funções, dessa maneira, um agente devia pô-lo em funcionamento. Mas será que Victor não tinha esse órgão exercitado? Talvez não para o que Itard gostaria. Muitas vezes o médico parece apontar para uma certa normalidade e naturalidade em ouvir determinados sons, sentir de determinada forma, mas será que ela existe de maneira tão clara? E a reação aos sons deve ser sempre a mesma? Victor deveria ouvir todos os sons que lhe apresentavam da maneira como dizem que se ouve? O médico parece muitas vezes acreditar que através de estímulos Victor se sensibilizaria, ele relata, sobretudo, que o homem é o que fazemos dele e nada mais (1801). Esta proposição de Itard nos faz acreditar que ele compartilhava de teorias empiristas. No entanto, este jovem não aprende tudo que lhe fora ensinado, o mundo, não posiciona tudo em Victor, parece haver algo nesse menino além do que a sociedade faz dele.

É curioso que Itard relata que a puberdade lança muitas dúvidas à origem da sexualidade, que olhamos como naturais. Observou, sobretudo, que Victor possuía uma indiferença perante as mulheres, em meio a sua puberdade, não pressentia nenhum objetivo e não experimentava por nenhum dos gêneros nenhuma preferência.

O médico afirma que o homem seria inferior aos animais no puro estado de natureza, isto é, isolados dos de sua espécie, vegetando, sem inteligência e sem afeições, reduzido à animalidade (1801). O que seria esse puro estado de natureza? Podemos afirmar que Victor vegetava? O que seria então quebrar as nozes com os pés para limpá-la antes de sua alimentação? Ou entusiasmar-se com o campo, a chuva e a neve?

Itard parece acreditar que tudo é fruto da educação e por isso, através de suas metas de instrução, tentou educar o jovem Victor. Para o

médico seríamos apenas imitação da sociedade e nada mais, como tábulas rasas, onde conhecimentos seriam depositados por imitação constante, similar à base de muitas teorias psicológicas modernas de hoje em dia. No entanto, se pensarmos sermos uma tábula rasa, o que nos diferiria diante do mesmo estímulo? Victor não aprende e não imita muitas coisas que lhe são forçosamente ensinadas, assim como muitas crianças. Existe algo que independe desta educação.

De maneira diferente pensava Pinel ao afirmar que o menino sofria de idiotismo, isto é, nasceu com esse mal, determinado por esta doença e nada o faria sair desta determinação. Para ele e para muitos, Victor estaria num hospício. Parece que para este cientista existe algo intrínseco ao homem que o determina como normal ou anormal, um elemento biológico, psíquico interno ao sujeito. O que nos faz acreditar que compartilha de teorias inativistas. Mas seria esse caráter determinante tão claro? Vemos que Victor longe de ser um idiota, de possuir idiotismo, vivia de acordo com o mundo que era seu, e que para os olhos de Pinel lhe parecia idiotia e para os de Itard, indiferença.

2.HEIDEGGER: SUJEITO-MUNDO

Para este ser que nós mesmos somos, Heidegger utilizou o termo *Dasein*, traduzido como ser-aí, que é esse ente marcado por uma abertura, uma indeterminação constitutiva, desprovido de toda e qualquer determinação prévia. A partir da pergunta: o que é o homem? Podemos perceber que é exatamente por não conseguirmos determinar o homem de maneira clara e absoluta, que o autor alemão nos mostra que o ser-aí é movimento de determinação, e antes disso ele não é nada, ou seja, ele não possui nenhuma determinação “*a priori*”. Por isso, diz-se que o ser-aí é um poder-ser, isto é, por não ter nenhuma determinação prévia, ele é suas possibilidades de ser, suas determinações.

Um dos elementos fundamentais para se entender o pensamento heideggeriano é a intencionalidade no existir, isto é, existir é sempre intencional, jogado para fora, uma saída de si. O ser-aí é essa abertura jogada para fora. Por não possuir nenhuma determinação prévia é jogando-se para fora que ele se determina. A partir da intencionalidade Heidegger utilizou o

termo existência para designar essa saída de si. Entretanto para pensarmos a intencionalidade é necessário pensarmos uma dinâmica hermenêutica de ser. Esta por sua vez, traz o campo em que a existência se dá, no mundo que é o seu, o campo significativo em que o ser-aí se movimenta. Por exemplo, uma caneta não está em separado do horizonte em que caneta pode se mostrar. No caso de Victor caneta não se mostrava e tampouco podia significar alguma coisa. Assim como a neve para os esquimós se mostra de diversas maneiras enquanto para muitos ela é apenas neve. Todo este horizonte significativo é o que Heidegger vai chamar de hermenêutica. Hermenêutica é esta rede significativa que sustenta a aparição de qualquer significado, isto é, um significado só pode aparecer, a partir de uma rede significativa, um campo que o sustenta enquanto significado. Dessa forma, a intencionalidade, enquanto saída de si é, de início e na maioria das vezes, absorvida por este campo hermenêutico de significações. Se tirarmos este rastro hermenêutico, o que sobra? A intencionalidade ekstática, a existência, isto é, esse movimento de saída de si em direção a, o movimento do ser-aí para fora e apenas isso. Pois o ser-aí é este ente marcado por uma indeterminação, pelo movimento de determinação, de possibilidades, enquanto o poder-ser que se é.

Mas por que é importante trazermos a cabo estes dois termos: intencionalidade (existência) e hermenêutica? Pois a psicologia moderna os desconsiderou por completo, desconsiderando assim a essência dos fenômenos psíquicos. Em Aristóteles já se buscava uma essência como um “a priori”, algo que estaria sempre ali. A partir de Descartes, fundador da ciência moderna, passou-se a acreditar que existe um algo, uma essência, que determinaria o que eu sou. A psicologia e a ciência como um todo passam assim a buscar uma determinação desta subjetividade, deste eu. As teorias em sua maioria se dividiriam em: ora esta determinação estaria no mundo e o eu seria uma tábula rasa que por imitação e educação assimilaria as determinações do mundo, ora o homem nasceria com determinações intrínsecas, inatas, que fariam com que a partir de faculdades ou elementos mentais “a priori” o mundo fosse assimilado. Dessa maneira, parece que na tradição das teorias psicológicas em sua maioria, mundo e sujeito estiveram sempre separados, sendo ora o mundo que posiciona o sujeito, ora o sujeito que posiciona o mundo.

No entanto, para Heidegger não existe essa determinação no ser-aí, para ele a essência se dá na existência, isto é, o ser-aí é movimento de essencialização, o

ser do ser-aí se dá a cada vez sendo, que sua essência é a existência. A essência dos fenômenos psíquicos seria, portanto a existência, e não uma essência “a priori”. O ser-aí é indeterminado, não uma tábula rasa, ou um ente com elementos mentais ou faculdades intrínsecas. O ser-aí é o ente que não possui nenhuma determinação, senão a partir de seu mundo. É por isso, que Victor podia não lacrimejar, ou não sentir frio como se sente. É a partir do acontecimento do ser-aí em um mundo que uma determinação pode surgir, é a partir de um olhado que temos olhos e podemos olhar. Se não existisse luz, talvez não existiria algo como olhos. É exatamente pela impossibilidade de separação do ser-aí e do mundo, que Heidegger vai afirmar que o ser-aí é um ser-no-mundo. Mundo é correlato do ser-aí, isto é, toda vez que ser-aí é, mundo aparece; toda vez que um elemento olhado surge, o olho aparece.

Se não somos marcados por nenhuma determinação “a priori”, então o que nos torna comuns? O mundo, o espaço em que nos movimentamos; se tirarmos o mundo nada é comum. Mundo é este horizonte intencional, correlato ao ser-aí, por isso Heidegger vai afirmar que todo ser-aí é um ser-no-mundo, e isto é uma unidade. Então, o ser-aí é este ente jogado para fora, para o mundo. Dessa forma, suas determinações surgem a partir do mundo, a partir de um campo hermenêutico, de uma rede significativa. Ou seja, ser médico é uma determinação significativa possível num mundo onde isso se mostra enquanto uma possibilidade. Se Victor não tivesse sido encontrado “ser médico” provavelmente nunca lhe apareceria enquanto possibilidade. Por outro lado, virar a cabeça em busca do som de uma noz caindo no chão é uma determinação possível para Victor, bem como passar oito anos vivendo nu no inverno europeu. Na tradição, a existência não é tomada desta forma, como vimos a busca pela determinação da essência do homem e das coisas é uma corrida infatigável. Dessa forma, essa determinação de algo, de início e na maioria das vezes, foi realizada a partir de um questionamento quiditativo, e uma absolutização da categoria da presença vista (das essências substantivadas), pela pergunta o que é?

A partir da pergunta: o que é aquele ente? Surge a presença vista, ou seja, a substantivação de algo, e logo as categorizações e teorias. Elas são prováveis, mas não verdadeiras às últimas consequências. Ela homogeneíza os elementos e acaba por desconsiderar a pluralidade do mundo, desconsidera a pluralidade de significados possíveis, pois não se contenta com a ambiguidade das coisas, continua presa na facticidade do mundo, isto é, no horizonte sedimentado do mundo, nesta rede significativa hermenêutica de significados sedimentados. Na fenomenologia não importa o modelo, a teoria, mas a suspensão das concepções e teses, dos preconceitos e hipostasias, ela segue a transitividade dos fenômenos e não tenta

hipostasiar, isto é, determinar a realidade como faz a tradição. O que é o Ser-aí? É uma pergunta que em sua forma já está mal formulada, visto que o ser-aí é este ente marcado por uma indeterminação, qualquer categoria que tente abarcá-lo e defini-lo será sempre insuficiente. Como responder a pergunta o que é o homem? Qual a sua normalidade a partir daí?

A fim de esclarecer melhor essa saída intencional é importante pensarmos como para Heidegger se dá o ser-no-mundo. A resposta seria: através da lida com os entes que vêm ao encontro, o que ele chamou de utensílios. Este é o modo de estruturação da existência. O modo de lidar no mundo com os utensílios intramundanos está ligado aos modos de ocupação. Pegar uma caneta, escrever, olhá-la, ouvir uma música, são modos de ocupação. A ocupação se dá em meio à totalidade utensiliar, na qual o utensílio pode ser esse utensílio que ele é, ou seja, o modo como o utensílio se revela não é isolado, mas está para além de suas relações referenciais com outros utensílios. “[...] um utensílio nunca ‘é’. Ao ser do utensílio sempre pertence a cada vez uma totalidade utensiliar, na qual ele pode ser esse utensílio que ele é. O utensílio é essencialmente ‘algo para...’.” (HEIDEGGER Apud CASANOVA, 2006, p.24). Uma caneta não existe por si só, independente de todo resto, ela existe referenciada a uma malha utensiliar, para algo. Uma caneta vem junto com papel, mesa, tinta, cores ... para escrever, anotar, pintar, desenhar... Totalidade utensiliar é essa rede significativa a partir da qual um utensílio pode surgir como o utensílio que ele é. Mas por que pensarmos a existência a partir da lida prática ocupacional junto aos utensílios? De um modo ou de outro os comportamentos do ser-aí estão sempre relacionados a um utensílio.

Segundo CASANOVA (2006, p.41) a facticidade do mundo no qual o ser-aí está jogado aponta de início e na maioria das vezes para um certo “contexto referencial” com o qual vamos aos poucos nos familiarizando. Esse contexto referencial é extremamente importante para o ser-aí, visto que este ente é marcado por uma instabilidade originária, esta sedimentação referencial dota o mundo de uma certa confiabilidade e, assim, a possibilidade de se comportar nele. Caso contrário, tudo estaria sempre numa instabilidade incessante e jamais poderíamos nos comportar diante de uma caneta, por exemplo. Dessa forma, a rede utensiliar traz à tona uma estabilidade do mundo, uma rede de significados sedimentados com os quais o ser-aí pode contar e confiar. É a partir de uma lida ocupacional nesse campo hermenêutico sedimentado que o ser-aí se determina em suas possibilidades.

A expressão ser-no-mundo significa, então, de início e na maioria das vezes, estar familiarizado com as referências fáticas intrínsecas a

seu mundo, com o ser dos entes em geral e com os nossos próprios caminhos existenciais. Essa familiaridade dota a cotidianidade mediana de uma certa confiabilidade. (CASANOVA, 2006, p.42).

Dessa maneira, vemos que as coisas não existem em separado, elas aparecem no seu contexto ocupacional, e tampouco de maneira definida, hipostasiada, categorizada como faz a tradição, mas a partir de um contexto referencial. É possível ainda afirmar que a qualidade de algo depende de seu campo utensiliário, nada pode ser descrito como bom ou ruim antes do jogo de uso, da lida ocupacional. Estar familiarizado com um significado é saber se orientar com o uso dele, a sedimentação do significado existe se o utensílio se conforma, se ele imerge no campo em que se mostra ou não, ou seja, se ele se adapta àquilo que foi destinado ou não, isso que vai dizer se ele é bom ou ruim. Um exemplo claro dessa conformação do utensílio aparece quando o Doutor Itard pede a Victor que traga uma faca, Victor traz uma navalha. Itard pede então, que corte o pão com a “faca” que trouxera e o menino não consegue realizar tal tarefa, visto que a navalha não é adequada às qualidades requeridas para o uso de cortar um pão, que no caso estas qualidades estariam adequadas ao utensílio faca. Deve-se ficar claro que a qualidade não é inerente à faca, mas depende de sua conformação no jogo de uso. Um comportamento também será adequado a partir de uma lida prática ocupacional. É a partir da sedimentação do mundo que podemos afirmar se um comportamento é adequado ou não.

Esse campo sedimentado comum é que torna possível comportamentos comuns. Numa lida ocupacional junto aos utensílios, um comportamento se torna adequado a partir da própria lida prática com o utensílio. Entretanto, vimos que é a partir dessa sedimentação que o próprio ser-aí se determina, então o que faria com que não fôssemos iguais, visto que o mundo é marcado por sedimentações e as determinações surgem a partir daí? Isto é, o que faria com que todos não tivessem sempre as mesmas determinações? É verdade que muitas das determinações são comuns, mas existem determinações peculiares, distintas. Por exemplo, a própria história do jovem Victor nos traz uma relação distinta com o frio e com o calor. Uma determinação um tanto quanto distinta do que conhecemos como determinações adequadas.

Heidegger nos diria que é a partir da instância compreensiva do ser-aí que há uma quebra na absorção do mundo sedimentado. Deve-se deixar claro que compreender não é uma faculdade intrínseca do ser-aí, mas é um existencial, isto é,

faz parte da constituição do ser-aí, da dinâmica do existir. Existir é compreender num campo, num horizonte que desdobra o que sou. Compreender é abrir um campo para que determinações possam surgir, para que possibilidades possam acontecer. O compreender possui a estrutura original do que chamamos projeto, “ele sempre carece de uma outra instância que projete a partir desse horizonte o seu próprio poder-ser”. (CASANOVA, 2006, p.52) É a partir de uma abertura compreensiva que o ser-aí pode projetar-se para as possibilidades que são suas. O projeto abre um em virtude de, no qual algo se torna possível, o em virtude de recortar o significado tornando possível responder certo tipo de ente que vem ao encontro. Toda lida ocupacional acontece a partir de um sentido em virtude do qual o ser-aí é. Por exemplo, uma caneta é para escrever em virtude de um trabalho que deve ser feito para a universidade. O para escrever está em última instância relacionado a um sentido em virtude do ser-aí. Na articulação do em virtude de e da malha de significados surge o poder-ser que eu mesmo sou. O ser-aí é sempre compreender projetando em virtude de. Eu sou o meu projeto de sentido.

Existir significa compreender, descerrar, abrir horizontes projetando sentidos a partir do qual meus comportamentos são possíveis. No entanto, estas possibilidades não são ilimitadas, mas seu limite é dado pela facticidade do mundo, isto é, por este horizonte inexorável, contra o qual o ser-aí não pode nada. O projeto de início e na maioria das vezes se dá a partir de uma familiaridade com o mundo fático do ser-aí, repousando sobre uma miríade de referências sedimentadas. Como vimos, requer inicialmente uma imersão num horizonte de estruturas sedimentadas, com as quais é possível contar e confiar. Logo, existir repousa de início e, na maioria das vezes, sobre a medianidade de referências e mobilizadores estruturais dados de antemão. Isto significa que, de início e, na maioria das vezes, os sentidos e significados em virtude dos quais o ser-aí é, são fornecidos pelo mundo, pelo horizonte sedimentado de mundo. Por isso, de início, e na maioria das vezes, vou lidar com uma caneta em seu modo de escrever, com um livro, em seu modo de ler. Vimos, dessa forma, que o ser-aí é este ente que existencialmente compreende mundo projetando-se para fora, esse projeto de sentido se apóia, de início, e na maioria das vezes, em um campo de estruturas sedimentadas, que vão servir de base para as próprias determinações do ser-aí. Só somos capazes de ver o que o projeto existencial tornou possível vermos.

Dessa maneira, compreender é esta instância que descerra, que abre e projeta o horizonte existencial de sentido que torna possível realizar o poder-ser que se é. Eu sou meu projeto compreensivo e não constructo do mundo, por isso não

somos todos iguais, ainda que de início, e na maioria das vezes, o projeto esteja apoiado numa miríade de referências sedimentadas. Pois a compreensão é a instância capaz de quebrar a absorção no mundo. É a partir da compreensão projetiva que se dão os diferentes recortes significativos, que se abrem os diferentes horizontes recortados.

Podemos afirmar, dessa forma, que existe um campo sedimentado que responde por uma certa adequação de comportamentos no mundo, mas ao mesmo tempo temos a compreensão existencial que quebrando essa absorção direta no mundo. Dizer que a sedimentação traz certa “normalidade” é pensarmos que determinações podem ser sempre as mesmas, mas as determinações são adequadas para uma determinada vida no mundo, essa vida, sobretudo, não é estagnada, mas surge a partir de um ente que é marcado por uma indeterminação. Por uma compreensão existencial que não permite que um comportamento ou uma determinação adequada hoje seja sempre adequada (normal), como apontam diversas teorias. Os recortes podem ser diversos e não há controle ou possibilidade volitiva para controlar os recortes de sentido, quando sou, já sou em projetando-me-compreensivamente, recortando sentidos e significados do mundo. Não sou primeiro e depois recorto sentidos. Já sou, em recortando. A fenomenologia de Heidegger busca acompanhar o fluxo dos fenômenos, a transitividade destes. Dizer que algo é normal é sedimentar categorialmente uma determinação humana, é determinar o homem de algum modo. É claro que existe um campo sedimentado que permite certa previsão de determinações e comportamentos, mas não garante que eles sempre vão ocorrer, que eles são o normal. Fechar-se a este tipo de pensamento é se fechar para a própria existência do “homem”.

Assim, podemos afirmar que o ser-aí é este ente marcado por uma indeterminação, aberto às suas possibilidades, possibilidades estas que, de início, e na maioria das vezes, surgem a partir de um campo sedimentado. É a partir da instância compreensiva que o ser-aí abre e projeta suas possibilidades em virtude de um sentido, recortando uma possibilidade de sentido. Esse recorte se apóia de início e, na maioria das vezes, em sentidos fornecidos pelo mundo. Assim, não é possível explicar o ser-aí por meio de uma teoria explicativa, visto que o ser-aí não é, ele não possui nenhuma determinação “a priori”, então quem é o ser-aí que existe? Ele é os comportamentos do seu mundo. Um comportamento nunca é dele, mas possibilidades de seu mundo, uma coisa só é boa ou ruim a partir do seu mundo. A possibilidade que ele é o determina na existência, pois ele é marcado por uma indeterminação de ser. Qualquer teoria que tente fechá-lo determinando-o de alguma maneira, normatizando

o homem, estará falseando a própria estrutura existencial do ser-aí. A partir dessa compreensão sintética da analítica existencial heideggeriana poderemos compreender melhor a existência do homem a partir da história de Victor.

3.VICTOR DE HEIDEGGER

Como pensarmos a relação de Victor com o mundo que é seu? Chamá-lo de idiota, indiferente, seria pensar nas coisas em separado, como se existisse um mundo e um sujeito em separado, e um padrão correto de sujeito, a partir do qual Victor seria estranho, e deveria ter alguma anomalia. Victor tinha ouvidos muito sensíveis ao som de uma noz caindo, porém para Itard havia a necessidade de educá-lo nas suas sensibilidades para com o mundo, para o médico era estranho este jovem não ouvir o som de uma pistola ou da voz humana. Victor tinha o estranho hábito de observar durante horas os campos iluminados pela lua. O mesmo se deu num evento em que nevou e o jovem saiu disparado para o jardim pulando na neve e comendo-a vorazmente. O gosto por beber água, comer nozes e batatas cruas, o modo de não sentir tanto frio ou calor, eram exemplos de comportamentos, de modos de ser num mundo. Heidegger provavelmente diria que Victor é um menino que esteve familiarizado com essas referências, com a sedimentação desses significados. A existência é esta saída para fora que traz consigo um espaço em que os entes podem se mostrar junto a malha referencial em que estão, um espaço em que as possibilidades do ser-aí se mostram como possíveis. O modo como Victor se alimentava com nozes e frutos, com os dentes incisivos, seu gosto pelos campos e pela neve, seu andar galopante, eram possibilidades que se mostravam no mundo que era seu. Ter familiaridade significa estar imerso numa malha referencial sedimentada. O meio selvagem possui também uma sedimentação própria. Dessa maneira, o jovem Victor parecia ter modos de ser distintos dos ditos normais, visto ter uma lida ocupacional distinta. Seus modos de ser distintos estavam relacionados a sedimentação da malha referencial do mundo que habitava, julgá-lo a partir de uma outra malha referencial não faz sentido. Victor respondia de modo adequado ao mundo que era seu, seria ele normal àquele mundo? O que é ser normal? Como pensar uma normalidade senão a partir da estrutura ser-no-mundo? Seria essa normalidade, então, possível de ser pensada? Como pensar até mesmo os elementos biológicos ditos normais, visto que Victor correspondia “anormalmente” a alguns desses elementos?

Itard buscou instruí-lo para que se enquadrasse no padrão normal social, mas nunca observou sua situação, seus modos de comportamento no contexto referencial que pertencia. Talvez tivéssemos mais clareza acerca da história de Victor, de seus comportamentos, se tivesse tomado estas precauções, e Victor, poderia ter sido menos violentado em seus modos de ser.

A fenomenologia busca acompanhar a transitividade dos fenômenos, o que significa isso? Ela devolve as coisas as coisas mesmas, não busca violentar o fenômeno com modos de ser padronizados, não os encurta num modo de ser determinado. As psicologias modernas tendem a fazer isso e acabam perdendo muito do que pode se mostrar. Quando uma anomalia aparece, as teorias existentes se ampliam para enquadrá-la na teoria novamente, mas isso continuará acontecendo incessantemente, visto um comportamento ser apenas um modo de ser, uma possibilidade e não um padrão normal. Se não existisse sons não existiria ouvido, nem cordas vocais; se não existisse o percebido não existiria o perceber, eles aparecem juntos num modo de ser, numa possibilidade de ser-no-mundo. O método fenomenológico busca o como aparece e para que, e não o porque ou o que aparece, como fazem a maioria das teorias psicológicas que acabam absolutizando um modo de ser, e dizendo que este modo absoluto é o normal “agora”.

Esta apresentação traz à tona a discussão da normalidade e da própria existência humana, ela não tem a pretensão de esgotar, mas sim de abrir possibilidades para pensarmos acerca dessa temática. A história de Victor é extremamente comovente e nos mostra a partir de seus modos de existir que a normalidade não é tão clara e deve ser repensada na tradição psicológica. As teorias discutidas aqui que eram empreendidas na época: inativistas e empiristas, influenciaram boa parte das teorias hoje discutidas nas universidades. Elas trazem consigo, cada uma a sua maneira, a ideia de uma normalidade. Enquanto o normal para os inativistas era algo intrínseco ao homem a partir do qual Victor era considerado estranho (idiotia). Para os empiristas a normalidade estava dada pelo mundo, e o homem, como tábula rasa, adquiriria esta normalidade a partir da imitação e educação no mundo normal. Victor não conseguiu aprender diversos comportamentos normais. Será que todos aprendem? Seria essa normalidade tão clara? A fenomenologia abre um espaço na psicologia para pensarmos o homem a partir de sua existência, de seus modos de ser-no-mundo. Ela não encurta e enquadra o humano num dito normal e julga a partir dessa premissa, mas abre a possibilidade de um pensar mais livre, mais existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHERIE, P. **Os Fundamentos da Clínica**: história e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. Título original: *Les Fondements de la Clinique: Histoire et structures du savoir psychiatrique*, 1980.

CAEIRO, A. [Fernando Pessoa]. **Guardador de Rebanhos**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7018102/Fernando-Pessoa-Alberto-Caeiro-GUARDADOR-de-REBANHOS> Acesso em 10 out. 2011

CASANOVA, M. A. **Nada a Caminho: Impessoalidade, Niilismo e Técnica na Obra de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis: Vozes. 2009.

ITARD, J. Da educação de um homem selvagem ou dos primeiro desenvolvimentos físicos e morais do jovem Selvagem do Aveyron. 1801 In. BANKS-LEITE L.; GALVÃO I. (Orgs), **A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000, p.123-177.

ITARD, J. Relatório feito a Sua Excelência o Ministro do Interior sobre os novos desenvolvimentos e o estado atual do Selvagem do Aveyron. 1806 In. BANKS-LEITE L.; GALVÃO I. (Orgs), **A educação de um selvagem: as experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000, p.179-229.

MARTINEZ J. R. B. **Metapsicologia da Psiquiatria: Uma Reflexão sobre o Dualismo Espistemológico da Psiquiatria Clínica entre a Organogênese e a Psicogênese dos Transtornos Mentais**. 2006, 448f. Tese (Doutorado em Filosofia), Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos – São Carlos.